

COELHO, Lauro Machado. A música de Carlos Gomes nos EUA. São Paulo, 10 dez. 1983.

O Estado de São Paulo,

A MÚSICA DE CARLOS GOMES NOS EUA

Imagine a ópera "Il Guarany" transformada em "Il Cherokee". Isto poderá acontecer em 1986.

Peri transformado em Hyawatha e Ceci na filha de um colono quaker? A sesmaria de d. Antonio de Mariz convertida em carroções em semicírculos, cercados por ululantes peles-vermelhas? Isso é o que poderá acontecer, daqui a dois anos, nos EUA, durante as comemorações do sesquicentenário de Carlos Gomes — graças ao desinteresse brasileiro por suas próprias tradições culturais. Mas vamos começar pelo começo.

Ao tomar conhecimento, através do cantor Carmo Barbosa, de que o grupo norte-americano **The Arcenciel Opera Company**, de Nova York, tinha planos de organizar, em 1986, amplas festividades em homenagem ao 150º aniversário do nascimento de Carlos Gomes, entrei em contato com ele, pedindo informações mais detalhadas sobre o projeto. Na segunda-feira passada, recebi a resposta do diretor do AOC, Earl Baker, na qual ele traçava um quadro desalentador do estágio em que se encontram esses preparativos.

O plano original previa, com o dinheiro conseguido numa campanha já em andamento de arrecadação de fundos — através de contribuições que variam de US\$ 25 a US\$ 500 mil —, a realização, já em 1984, de apresentações em forma de concerto do **Guarani** e do **Schiavo**, que seriam gravadas e lançadas comercialmente. O dinheiro obtido com esses concertos e a venda dos discos seria utilizado, no ano do sesquicentenário, na encenação de pelo menos essas duas óperas, além de exposições e seminários sobre o significado da obra do único compositor das Américas a conseguir, no século XIX, notabilidade internacional (não só na Europa, onde obteve o sucesso que se

sabe, mas também nos EUA, que o aclamou em 1893, quando ele visitou o país a convite da Columbian Exposition, que se realizava em Chicago).

As dificuldades já começam com a obtenção do material, pois, como o próprio Earl Baker conta em um artigo no folheto angariando contribuições, embora seu interesse por Carlos Gomes tenha sido despertado em 1964, durante uma visita que fez a São Paulo com o Robert Shaw Chorale, só em 1979 conseguiu, e assim mesmo na Itália, a redução para piano da partitura do **Schiavo** — e isso "depois de passar vários anos pesquisando arquivos e escrevendo para fontes conhecidas". Mas os problemas não param aí. Em sua carta, datada de 28/11, Baker escreve: "Para ser franco, fiquei muito surpreso com a total falta de interesse da comunidade brasileira aqui em Nova York pela idéia. (...) Eu achava que seus compatriotas apreciariam o tributo a um dos maiores compositores do Brasil e das Américas no século XIX. Mas não foi esse o caso" (apenas quatro pessoas, entre as quais Patrícia Maazel, diretora da Brazilian Cultural Foundation of New York, responderam ao apelo).

E Baker continua: "Nosso problema, agora, é como arrecadar fundos para o projeto. As corporações norte-americanas que demonstraram interesse perguntam pela colaboração dos brasileiros residentes aqui. Mas como se vê pelo exposto acima, não tenho como provar que o interesse seja condizente com o número de seus compatriotas que há neste país. Isso também terá impacto no momento da distribuição das verbas federais, e aquilo que poderia funcionar como um programa de intercâmbio interamericano terá de limitar-se a ser apenas um empreendimento norte-americano".

"Nos contatos com as companhias de ópera que participariam do projeto" — (e uma delas já in-

cluiu trechos do **Schiavo** em um concerto que realizará em fevereiro de 1984, com o título de **Music of the Americas**) — "já foi sugerido que as óperas de Carlos Gomes sejam cantadas em inglês, e que sua ambientação seja transferida para os EUA, adaptada a episódios da história norte-americana. É claro que a história do **Guarani** poderia ser alterada para passar-se durante as guerras contra os índios, no Oeste dos EUA. O mesmo poderia acontecer com o argumento do visconde de Taunay para o **Schiavo**. Pessoalmente, eu não gostaria nem um pouco que isso acontecesse. Mas talvez disso dependa a obtenção de fundos para a encenação dessas óperas em nosso país. E a música, pelo menos, continuaria a ser a de Carlos Gomes".

"Não disponho de outros meios para tentar motivar a comunidade brasileira por este projeto (...) e sinto muito que o peso do interesse de seus compatriotas não esteja podendo ser usado para assegurar a sua realização", termina o diretor da Arcenciel. Como se vê, uma de nossas mais sólidas características nacionais — a de nos lixarmos para o nosso próprio passado — será provavelmente a responsável por que, nos EUA, **Il Guarany** veja-se transformado em **Il Cherokee**.

O **Diário do Povo** de Campinas parece ter sido o único a dar-se conta da iniciativa do AOC, em matéria publicada a 23/7/1982. Naquele artigo, o tenor Alcides Acosta lamentava que tal empreendimento tivesse partido dos EUA, e não da terra que viu nascer Carlos Gomes. Pois é, pelo visto essa não é a única coisa a ser lamentada neste caso. De qualquer maneira, ainda há tempo de remediar a esse descaso: os interessados em colaborar ou em obter informações podem dirigir-se a **The Arcenciel Opera Company**, The A. Carlos Gomes Fund, 430 East 72nd Street, suite nº 11, New York, NY 10021, USA.

Lauro Machado Coelho

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010038

THE
A. CARLOS GOMES
SESQUICENTENNIAL
ANNIVERSARY
1836-1986

